
ENSINO MÉDIO

– 1º ANO –

LÍNGUA

PORTUGUESA:

LITERATURA

VOLUME 1

Apostila do 1º ano do Ensino Médio, escrita pelo Instituto São Carlos Borromeu. O conteúdo é indicado para estudo individual domiciliar, apoio escolar ou como material didático escolar.



The image shows a decorative book cover with a central title label. The label is a horizontal rectangle with rounded ends, containing the text "LITERATURA – VOLUME 1" in a bold, sans-serif font. The label is framed by a decorative arch above and below it, each with a small circle at its base. The entire central area is enclosed within a large, ornate border. This border features a wide band of intricate floral and scrollwork patterns. Outside this band are two more decorative layers: a band with a repeating diamond or lattice pattern, and an outermost border with a repeating diamond pattern and small floral motifs at the corners. The design is symmetrical and uses a monochromatic brown color scheme on a white background.

LITERATURA – VOLUME 1



AULA 01

A DISCIPLINA DE LITERATURA

“A arte de plasmar formas mimético-significantes e belas sobre determinada matéria, para fazer, mediante indução de sentimento e purgação das emoções, que o homem propenda ao verdadeiro e ao bom, e se afaste do falso e do mal.”

(A arte do belo, Carlos Nougué, p. 194)

A DEFINIÇÃO DE NOSSA CIÊNCIA E O SEU FIM



palavra literatura deriva do latim *litterae*, cuja tradução é simplesmente *letras*. A literatura recebe este nome pois é a *arte da escrita*, arte cuja ferramenta principal é a letra. Veja: um armário é construído por um bom marceneiro, que se utiliza de pregos, martelo, madeira. Separadamente, esses itens não podem ser classificados como um armário, e somente isso se tornam após serem unidos por uma inteligência, através de uma série de passos previamente estabelecidos e pensados. A literatura, como *arte da escrita*, exige ferramentas e uma inteligência que organize estas ferramentas:

1º Primeiramente temos as **letras**. Cada letra possui três acidentes¹: o *nome*, isto é, como se chama; a *figura*, ou seja, com que símbolo se representa; a *propriedade*, isto é, se se trata de uma vogal ou uma consoante.

2º Organizadas estas letras, formam-se as **palavras**, que são imagens daquilo que existe; tamanho é sua capacidade que, sem a necessidade da voz, transmitem o que têm dito, pensado e contemplado pessoas ausentes, e introduzem a imagem daquilo que são, não pelos ouvidos, senão pelos olhos.

3º Por fim, colocadas sobre o domínio de uma inteligência, que também as inteligiu, elas são organizadas logicamente de tal maneira a constituírem **frases, parágrafos, textos**, sendo capazes, assim, de transmitir a todo aquele que as lê o pensamento de quem as escreveu.

Nos ensina São João Bosco que Adão foi o inventor da escrita; os registros mais antigos que chegaram até nós são dos sumérios e fenícios, uns dos primeiros povos do mundo. O que sabemos é que as letras surgiram devido à necessidade e ao desejo de manter todas as

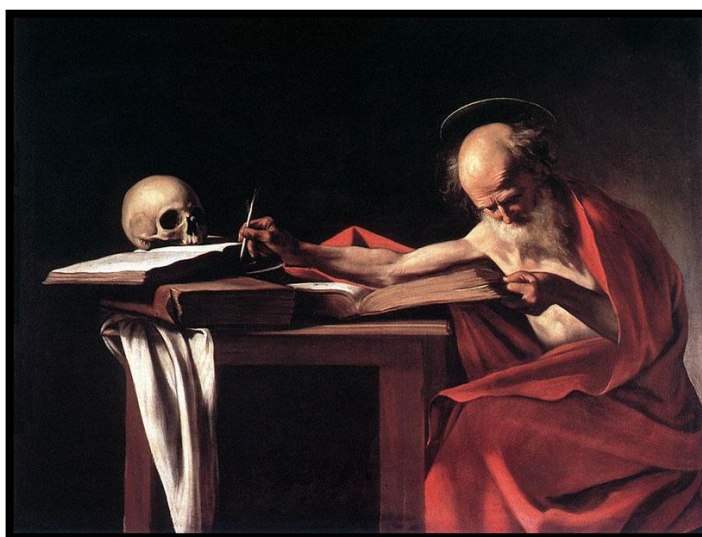
1 Santo Isidoro de Sevilha

coisas na memória, pois em tão extensa variedade de matérias, seria impossível aprender a todas de ouvido e guardá-las. Portanto, através da escrita, tornou-se possível armazenar o conhecimento e a vivência de uma sociedade inteira em poucos parágrafos bem escritos e organizados. Tão grande é a força da escrita que é capaz de unir o pensamento do leitor e do escritor, independentemente da época em que se escreve e em que se lê!

A definição que trouxemos na abertura desta aula nos mostra **o sujeito de nossa ciência**, no que consiste a arte do belo e, sendo a Literatura uma de suas expressões, o que almejamos com esta disciplina. **O nosso fim** é que, por meio de todos os conceitos e obras apresentadas e lidas, cada estudante consiga propender ao verdadeiro e ao bom (e virtuoso), e se afaste do falso e do mal.

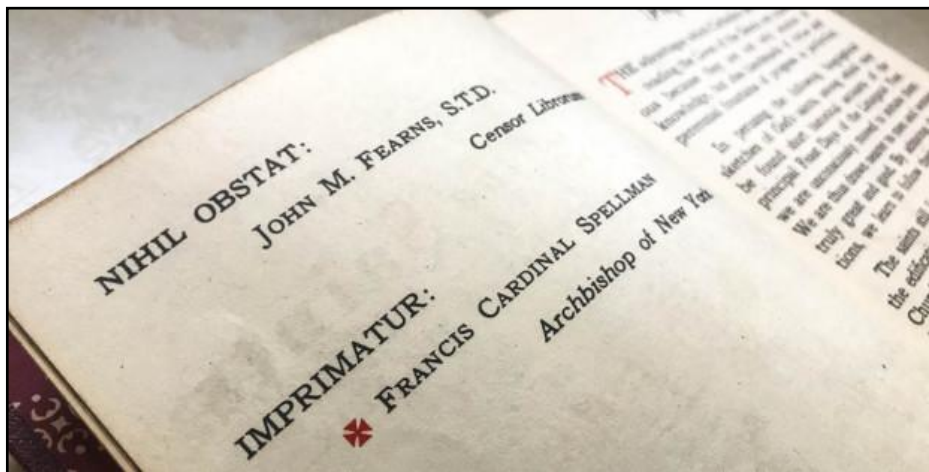
A TRADIÇÃO ORAL E O *IMPRIMATUR* DA IGREJA

Desde nossos primeiros pais, a tradição oral era a forma de transmitir os ensinamentos, divinos e humanos, de geração em geração. No entanto, a partir do momento em que estas tradições passaram a ser registradas através da escrita, elas foram preservadas para um futuro ainda mais distante. Como saberíamos sobre a Criação ou os feitos de Noé, se Moisés não nos tivesse deixado por escrito o Pentateuco? O que seria da Santa Igreja hoje, se homens como São Pedro, São Paulo, São João Evangelista, São Marcos, São Mateus, São Lucas, Santo Irineu, Santo Agostinho, São Jerônimo, Santo Tomás e tantos outros não nos tivessem deixado como legado seus escritos? A realidade é que a Igreja sempre deu muita importância à conservação e propagação dos bons livros, e ela esteve sempre ligada ao processo e desenvolvimento da leitura.



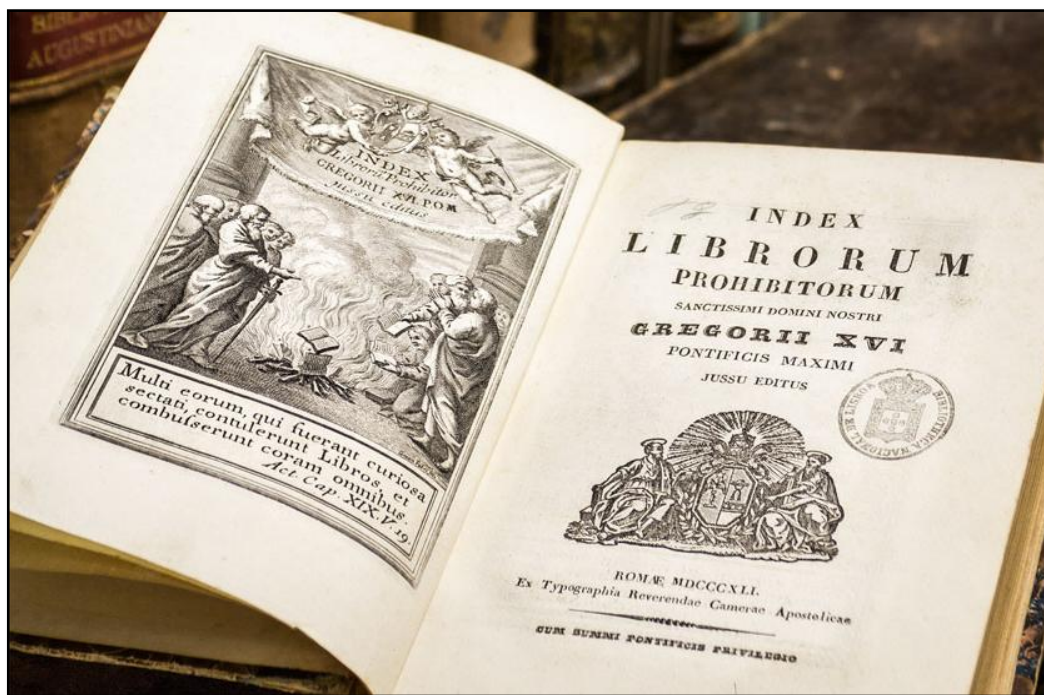
São Jerônimo traduzindo a Septuaginta para o Latim.

Tão grande é a gravidade, que a Santa Igreja atribui aos monges a responsabilidade da preservação e propagação de todos os manuscritos durante o período da Idade Média. Além disso, preocupada com a salvação dos seus, nenhum livro era publicado sem antes passar pelas mãos de Sua Santidade ou de um Bispo, e só era permitida a leitura de livros que tivessem o selo *Nihil Obstat* ou *Imprimatur*, que significam, respectivamente, *nada obsta* e *seja impresso*.



Exemplo de livro que recebeu o aval da Igreja para ser publicado e lido.

A partir do século XVI, a Igreja passou a publicar uma lista de livros proibidos aos católicos, o *Index Librorum Prohibitorum*, uma vez que estes colocariam suas almas em risco caso o lessem.



Index da época do Papa Gregório XVI.

Visando o papel importantíssimo que a Igreja atribui à literatura na formação das almas, o trabalho desta disciplina no Ensino Médio será o de dar uma resposta a esta crise educacional moderna, buscando resgatar bons escritos literários que nos aproximem da Verdade, da Beleza e da Bondade, por meio de textos tradicionais da nossa fé e da nossa cultura e Língua Portuguesa, chamados por muitos de clássicos.

Teremos como essência a literatura católica, princípio, meio e fim para se conquistar a humildade e a sabedoria apresentando sólidos e bons exemplos de santidade. Estudaremos de que modo a literatura em língua portuguesa foi sendo construída, de modo a corroborar com esta essência ou de modo a negá-la em suas premissas ou construção.

A PROPOSTA DESTA COLEÇÃO

Muitos refletem e ponderam, “Mas apenas a literatura católica pode ser lida?” ou então, o contrário, “Nossos filhos não deveriam conhecer a literatura dos clássicos (pagãos) para não ficarem alheios à realidade e à estimada eloquência?”

As respostas a estas perguntas são complementares. “Tudo nos é permitido, mas nem tudo nos convém”, nos ensina o apóstolo dos gentios. De nada adiantará apenas a leitura de literatura católica se o jovem não consiga propender ao verdadeiro e ao bom, ao que é virtuoso, de modo que também se afaste do falso e do mal, nos diversos contextos de sua vida, e nem tudo, infelizmente, está sob a ceara cristã. Também de nada adiantará passar a vida contemplando grandes e eloquentes ensinamentos clássicos se nos esquecermos de onde provém a Verdade, a Beleza e a Bondade, sentido e fim único de nossas vidas.

O que propomos com esta coleção é ensiná-lo, caro jovem, a escolher e trilhar o caminho da virtude, por meio de bons e edificantes exemplos, que de modo algum ferirão a pureza e inocência necessárias para contemplarmos a Deus. Cada texto apresentado foi cautelosamente selecionado para que não fira estes princípios e que este estudo seja um percurso seguro a ser trilhado.

Sobre este assunto, Santo Agostinho faz alertas importantes que nos ajudam a responder as questões anteriores:

“Os vossos louvores, Senhor, tão eloquentemente cantados na Sagrada Escritura, teriam elevado o meu fraco coração, e não o teriam deixado ser preza das garras de impuras aves. Ah! há mais do que um meio para sacrificar os homens ao demônio.... É assim que convém educar a mocidade? São esses os modelos que se lhe devem apresentar? Fazendo assim, não são aves, nem animais, nem mesmo sangue humano que vós ofertais; mas, o que é bem mais abominável ainda, é a inocência da juventude que vós imolais sobre os altares de Satanás.”

(Santo Agostinho)

Para fundamentar esta nossa escolha, disporemos alguns trechos do livro “O Verme Roedor Nas Sociedades Modernas ou o Paganismo na Educação”, de Monsenhor J. Gaume.

Em seu livro, Mons. Gaume traça com maestria a linha histórica da literatura na formação da família e do estudante cristão, ressaltando sempre os escritos e os conselhos dos Santos da Igreja. Mons. Gaume deixa explícito o porquê é necessário a leitura de livros cristãos para a formação católica do estudante, e dos sérios riscos a que estarão expostos ao aventurarem-se na leitura de literaturas pagãs.

EXERCÍCIOS PARA SEREM RESPONDIDOS NO CADERNO

1. Para que este resumo fique bem-feito, considere as respostas às seguintes indagações:

– O que significa literatura? Qual é o seu objeto de estudo? Qual é o seu fim?
(Copie e memorize a definição).

- O que diferencia a tradição oral da tradição escrita? Quais implicações existem?
- Qual é o significado de *Nil Obstat* e *Imprimatur*?
- Explique no que consiste o *Index Librorum Prohibitorum*.
- Por que podemos considerar a literatura como a *Arte da escrita*?

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO DE TEXTOS 01

Tipo textual: resumo (30 linhas). Elabore um resumo dos principais tópicos vistos até o momento. Não se esqueça de mencionar o *imprimatur* e o *index*.



AULA 08

APLICAÇÃO DO MÉTODO APRENDIDO



e ler um texto, analiticamente, de modo eficaz, significa capacidade de realizar um resumo, de fazer uma síntese; resumir é uma capacidade básica para todo estudante. Além de ler e resumir, deve-se ser capaz de reter na memória, para sempre. Assim, podemos passar para o próximo passo.

Queremos fazer uma exortação sobre a memorização, tão atacada e maleficamente entendida atualmente.

A MEMÓRIA E A MEDITAÇÃO

A MEMÓRIA

Hoje é amplamente criticado qualquer método que faça menção de memorizar ou decorar conteúdos, como se fosse um castigo ou um absurdo. O que estas pessoas, muitas vezes renomados “intelectuais”, esquecem é que a vida intelectual se constrói a partir da memorização! Se eu proíbo ou não incentivo a memorização, eu tranco a porta da vida intelectual ao aprendiz, o que gerará um emburrecimento (coletivo!). O que seria meditado e contemplado se não houvesse algo real para fazê-lo? Se não podemos memorizar, de onde sairão os argumentos, as análises das verdades para se chegar à Verdade? O problema hoje é que até mesmo a Verdade não é mais buscada, quanto mais o caminho para ser levado até Ela!

Memorizar significa guardar a verdade que foi revelada, retê-la! Se descobrir uma verdade, mas não a reter, ela será lançada fora junto com as páginas que escreveu sem refletir. É também importante saber que memorizar algo, sem entendê-lo, também de nada adiantará.

É graças à leitura e à memorização (que ainda não resumem o que é o aprendizado) que é possível entender o que Hugo de São Vitor ensina por meditação.

A meditação

Meditar significa encontrar uma verdade, meditar sobre ela, até que finalmente a enxergue com clareza; significa investigar a causa, a origem, a utilidade e o modo de cada

coisa. Meditar leva a conhecer as coisas por suas causas e, assim, as causas vão levando a causas mais profundas e a outras causas ainda mais profundas; significa saber o porquê de ser assim.

Podemos comparar este passo como se fosse “a ruminação” feita pela vaca (pode parecer grosseiro quanto à imagem, mas não o é quanto à significação). Estudar, resumir e memorizar (primeira deglutição); o que memorizou, agora ficará meditando, pensando, meditando novamente, até que se verifique um “clique”, e este clique o levará a um nível superior ao das palavras.

É por isso que, com a leitura analítica, se torna possível este passo. Se lemos superficialmente ou se nos preocupamos apenas com a estrutura composicional de um livro, não será suficiente para chegarmos às verdades que este livro lido pode nos trazer. Ao ler analiticamente, começa-se a enxergar as coisas com uma profundidade maior, aprofunda-se a visão, a retira da superfície do texto para, então, iluminado pela luz natural da razão (inteligência), descobrir a verdade (ou verdades, com *v* minúsculo). Desta forma, vamos meditando sobre várias verdades, até que temos um *tesouro de verdades*; vamos então percebendo que as várias verdades começam a coalescer-se, vão se encaixando, de forma que conseguimos ter uma visão superior, que será o próximo passo: a contemplação.

Resumindo, meditar é “o reconduzir do pensamento para penetrar no que é oculto e enxergar a causa; ao meditar, descobrimos uma (ou mais) verdade(s)!”

Uma vez entendida esta leitura eficiente, meditativa, como parte do processo da aprendizagem que queremos propor (subida do morro), podemos continuar os passos do método, proposto por Hugo de São Vitor.

A CONTEMPLAÇÃO

Uma vez que adentrou a profundidade da meditação, o próximo passo do método de estudo de Hugo de São Vitor é a contemplação.

Contemplar é o passo no qual já se consegue ter uma visão livre e perspicaz das coisas; as verdades encontradas (*v* minúsculo!) começam a se unir, a se complementarem. A contemplação que estamos considerando é aquela que é sempre de coisas manifestas e segundo a nossa capacidade.

Neste nível começamos a subir o morro, estamos em um lugar mais elevado, mas ainda longe do topo, onde estão os Santos, por exemplo. Esta contemplação não é a dos grandes místicos – contemplação infusa.

A corrente marxista hoje postula que colocar as verdades umas contra as outras nos ajudará a “subir de nível” rumo ao conhecimento. Não é isso o que propomos, o que a Igreja e nem os Santos propõem! Sabemos que a Verdade é uma, Jesus Cristo, e é n’Ele que estão contidas todas as demais verdades. Isto é contemplar: buscar n’Ele, com Ele e por Ele as razões e relações entre todas as verdades existentes.

Para entender a diferença entre meditação e contemplação, imagine uma obra de arte (a capa deste volume, por exemplo). Na meditação, os detalhes importam; cada detalhe, cor,

objeto, traçado, todos os elementos constitutivos são importantes e analisados; contemplar a obra significa olhar para o todo da obra; significa afastar o olhar para ver o todo, como todos os elementos, juntos, formam a unidade, a magnanimidade da obra. Só é possível ver a finalidade da obra se chegarmos à contemplação! É este o próximo e fundamental passo.

O crescimento do conhecimento se dá quando as verdades meditadas, vistas, mas ainda esparsas, vão se conciliando, possibilitando que as contemplemos.

O ENSINO

A partir da contemplação, feita conforme a Vontade de Deus, temos o próximo passo da escalada: ensinar aquilo que foi lido, meditado, memorizado e contemplado.

Santo Tomás de Aquino ensina que “pregador é aquele que transmite aos outros aquilo que contemplou.” Este passo é crucial dentro do método de aprendizado.

Este processo de aprender e ensinar é também um reflexo do que nos pede Jesus quando diz “Ide por todo o mundo e fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28, 19).

Este roteiro e método de estudo que estamos propondo não é algo específico para esta disciplina ou ainda deste material didático, apenas. É um roteiro de estudo para a vida toda, para buscar a sabedoria.

O ENSINO DO MÉTODO DE LEITURA

1. Finalize as anotações que esquematizou na folha de papel almaço, analisando se todos os passos para o aprendizado, segundo o método de Hugo de São Vitor, foram também contemplados por você.

2. Agora, para que crie e fortaleça o hábito, aplique todo o conhecimento construído com este roteiro de leitura e de estudo na leitura mensal proposta no volume.

ATIVIDADE FINAL

Faça agora a experiência **de ensinar o que foi aprendido**. Escolha alguém de sua família, ou colegas, e ensine como podemos (e devemos) ler os livros, a importância da leitura e os frutos que dela podemos colher.

The image shows a decorative book cover. It features a central rectangular area with a white background. In the center of this area is a horizontal label with a decorative border, containing the text "LITERATURA – VOLUME 2". Above and below this label are two semi-circular arches, each with a small circle at its base. The entire central area is framed by a wide, ornate border. This border consists of a repeating diamond pattern on the outer edges and a more complex, swirling floral and leaf pattern on the inner edges. The corners of the border are decorated with stylized floral motifs. The overall design is symmetrical and elegant.

LITERATURA – VOLUME 2

PLANEJAMENTO CURRICULAR: LITERATURA – CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Gêneros literários e gêneros discursivos.
- Literatura: expressão artística da realidade manifestada pela palavra.

RESENHA LITERÁRIA

Escolhemos um livro para que empregue, praticamente e cuidadosamente, os passos aprendidos. Neste volume você lerá a primeira parte e a segunda parte, até o capítulo X, e responderá as perguntas a seguir. No próximo volume você concluirá a leitura deste livro e fará a resenha literária.

Livro 2: Fabíola, do Cardeal Wiseman. (Primeira parte e segunda parte, até o capítulo X.)

FABÍOLA

(Livro disponível online)

Referência Bibliográfica:

Cardeal Wiseman. **Fabíola**. São Paulo: Edições Paulinas, 1959.

PRIMEIRA PARTE

Introdução

1. Quem escreveu este livro?
2. Qual é a editora e a data de publicação?
3. Qual é o tipo do livro?
4. De quantas páginas ele é composto?

Capítulo I: A casa cristã

5. Este romance se desenvolve em qual século?

Capítulo II: O filho de um mártir

6. Faça a descrição física de Pancrácio em seu caderno.
7. Quem é Pancrácio? Quais são as suas virtudes?

Capítulo III: A dedicação

8. Qual foi o tesouro precioso dado a Pancrácio por Lucina?

Capítulo IV: A família pagã

9. Quem é Fabíola? Descreva o seu temperamento e suas características.
10. Quem eram as escravas de Fabíola?

Capítulo V: A visita

11. Quem era Inês?

Capítulo VI: O banquete

12. O que distinguia os cristãos condenados dos demais presos?

Capítulo VII: Pobres e ricos

13. Escolha dois personagens que possuem o mesmo nome de Santos Católicos e escreva suas biografias.

14. Quem não aceita ser escrava de Inês? Qual é o motivo?

Capítulo VIII: Fim do primeiro dia

15. Qual era o parentesco entre Fabíola e Inês? O que Fabíola pensava desta?

Capítulo IX: Encontros

16. Quem são os personagens Mônica e Agostinho?

17. Por que Afra nutre ódio por Sira?

Capítulo X e XI: Novos encontros e conversa com o leitor

18. Em que época esta história foi narrada?

Capítulo XII: O lobo e a raposa

19. Explique o título deste capítulo, “O lobo e a raposa”.

Capítulo XIII: Caridade

20. Como era a hierarquia eclesial naquela época?

Capítulo XIV: Os extremos se tocam

21. O que significa *Deo Gratias*?

22. O que é uma dalmática?

Capítulo XV: Voltamos à caridade

23. Copie a oração dos cristãos em seu caderno.

Capítulo XVII: A comunidade cristã

24. O que Cromácio nos ensina a respeito de apossar-se de objetos pagãos?

Capítulo XIX: A queda

25. Quem é Torquato? O que ocorre com ele?

SEGUNDA PARTE

Capítulo I: O conflito

26. O que eram os fossos?

Capítulo II: Preparativos contra a perseguição – Nos Cemitérios

27. Qual o significado de cemitério e sepultura?

Capítulo III: O que Diógenes não podia dizer a respeito das Catacumbas

Capítulo IV: O que Diógenes dizia a respeito das catacumbas

28. Qual eram os símbolos usados pelos cristãos? O que significavam?

Capítulo VII: Confusão e morte

29. Quais eram as virtudes de Sebastião?

Capítulo VIII: Ainda mais confusão

30. Quem era Fábio? Como se deu a sua morte?

Capítulo IX: O falso irmão

31. Explique o nome do capítulo e a relação com a história.

Capítulo X: A ordenação em dezembro

32. Quem era o papa neste momento? O que ele instituiu?



AULA 11

O RITMO E A MÉTRICA POÉTICOS

RITMO

O ritmo é a cadência musical do verso, obtida através da sucessão de sílabas átonas e tônicas. Veja:

O louvor de Deus cantemos
com fervor no coração,
pois agora a hora sexta
nos convida à oração.

MÉTRICA

A métrica é a arte que ensina os elementos necessários à feitura de versos medidos. Chamamos de sílabas métricas ou sílabas poéticas cada uma das sílabas que compõem os versos de um poema.

As sílabas de um poema **não** são contadas da mesma maneira que a divisão silábica gramatical. A divisão silábica de um poema é contada auditivamente, a partir da sonoridade das sílabas e este processo é conhecido como escansão do verso. A partir da **escansão dos versos** podemos classificá-los.

Veja:

Este ar tranquilo que me envolve.

Es/ te ar/ tran/ qui/ lo/ que/ me en/ vol/ ve — sílabas poéticas

1 2 3 4 5 6 7 8

Es-te-ar-tran-qui-lo-que-me-en-vol-ve

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 — sílabas gramaticais

A **sílabo poética** é a sílaba determinada de uma palavra, contada diferente da separação convencional gramatical. A *escansão* ou a divisão do verso em sílabas poéticas ocorre segundo as seguintes regras:

- **A primeira regra:** encontro de vogais átonas se juntam em uma só sílaba.

Desse modo, a palavra “criação”, separada em sílabas poéticas, possui apenas uma sílaba poética por causa de uma segunda regra.

- **A segunda regra:** a contagem vai até a última sílaba tônica da palavra.

Sendo a última tônica no “a” e ocorrendo a junção do “cri” com o “a”, “criação” possui apenas uma sílaba poética.

- **A terceira regra:** na presença de dígrafos como “rr” ou “ss” não ocorre separação.

Assim, a palavra “sucesso” possui duas sílabas poéticas e é separada assim: “su-ce-sso”

Exemplo de metrficação:

Já vem brilhante aurora
o sol anunciar.

De cor reveste as coisas,
faz tudo cintilar.

Já/ vem/ bri/lan/te au/**ro** ra
o /sol/ a/nun/ci/**ar**
De/ cor/ re/ves/te as/ **coi** sas
faz/ tu/do/ cin/ti/**lar**

Observe:

— Há junção de vogais te+au, te+as.

— Os versos são regulares.

Não há regras para o tamanho e a sequência dos versos, ou seja, um poema pode ser composto por versos de mesmo tamanho ou de tamanhos parecidos. Segundo Armindo Trevistan, poeta brasileiro, quando uma estrofe possui tamanhos diferentes, é sinal que as sílabas poéticas estão presentes em quantidades diferentes de verso para verso, o que dificulta o ritmo do poema. As sílabas poéticas, quando regulares, nos ajudam a perceber a fluidez do poema.

Para se compor poesia, do modo mais simples possível, basta atentar-se às sílabas poéticas, às rimas e ao ritmo, que é o resultado natural dos dois itens anteriores.

Atenção: outros recursos poéticos serão vistos ao longo das etapas.

EXERCÍCIO PARA SER FEITO NO CADERNO

1. Copie as teorias da estrutura do poema (ritmo, métrica, sílabas poéticas) e apresente exemplos para ilustrar o que aprendeu.



AULA 15

O GÊNERO DRAMÁTICO



Gênero Dramático abarca textos teatrais, que se distinguem por suas construções cênicas, efeitos sonoros e estruturas das falas (diálogos, monólogos, etc.). De maneira geral, essas produções são escritas para serem encenadas como peças de teatro. Para isso, o texto deve ser escrito como um roteiro, para depois ser interpretado.

A principal característica do texto dramático é a presença do chamado **texto principal**, composto pelas **falas dos atores da peça** e que, muitas vezes, são orientadas pelas **indicações cênicas**, ou didáticas.

Tais indicações são denominadas **texto secundário** e têm por finalidade informar os atores e o leitor sobre a dinâmica do texto principal. Por exemplo, antes da fala de um personagem é colocada a expressão: «com voz baixa», indicando como o texto deve ser falado.

Uma vez que nesse tipo de texto não existe narrador, o drama é dividido entre os personagens locutores, que entram em cena pela citação de seus nomes.

São tipos de composições dramáticas:

- ✓ **Elegia** — texto de exaltação à morte de alguém, sendo a morte elevada como o ponto máximo do texto.
- ✓ **Sátira** — texto de caráter ridicularizador, podendo ser também uma crítica indireta a algum fato ou a alguém.
- ✓ **Farsa** — pequena peça teatral, de caráter ridículo e caricatural, criticando a sociedade e seus costumes. Baseia-se no lema latino *Ridendo castigat mores* (Rindo, castigam-se os costumes).
- ✓ **Tragédia** — representação de um fato trágico, apto a suscitar compaixão e terror.
- ✓ **Comédia** — representação de um fato inspirado na vida e nos sentimentos rotineiros, de riso fácil, em geral criticando os costumes.
- ✓ **Tragicomédia** — mistura do trágico com o cômico. Originalmente significava a mistura do real com o imaginário.
- ✓ **Mistérios ou milagres** — representação de trechos bíblicos.

- ✓ **Auto** — texto vinculado aos mistérios e moralidades; o auto designa toda peça breve, de tema religioso ou profano.

Exemplo de Gênero Dramático:

DIÁLOGOS DAS CARMELITAS (EXCERTOS)

Georges Bernanos

“Cena III

Cela da Priora. Ela recebeu uma carta de Monsenhor Rigaud, superior do Carmelo, pedindo-lhe que imponha o véu às postulantes.

Madre Maria:

Com licença de Vossa Reverência e, em plena consciência, eu não aprovaria essa tomada de véu.

Priora:

Irmã Branca é postulante e Monsenhor Rigaud pede que imponha o véu às postulantes, é essa a situação.

Madre Maria:

Se Vossa Reverência coloca as coisas desse modo, então já está decidido.

Silêncio.

Viram-se todas para Irmã Gertrudes. Gargalhada geral. Ela está de fato de queixo caído, a cabeça inclinada sobre o ombro esquerdo, os olhos semicerrados, como uma pessoa que escuta atentamente. O alarido das vozes e dos risos continua por um momento e depois vai se extinguindo gradualmente. Silêncio. Ouve-se um sino tocar, ao longe. Novo toque de sino. As religiosas entreolham-se.

Irmã Matilde:

O alarme!

Irmã Alice:

O canhão!

Irmã Ana:

Como assim, o canhão? Por que o canhão? Deve ser o carrilhão da capela São Máximo.

Irmã Alice:

Impossível, Irmã Ana! O som vem de lá...

Ouve-se agora com clareza o canhão. Toque de clarins. Ruído de uma multidão em marcha. O “Ça Ira”.¹⁵ Canções festivas.

Irmã Clara (atordoada):

Parece a Festa de Corpus Christi, antigamente.

Irmã São Carlos:

Ah, fique quieta! Fique quieta!

Branca:

Vossa Reverência ordena que fale com toda franqueza?

Priora:

Sim.

Branca:

Muito bem, é o desejo de uma vida heroica.

Priora:

O desejo de uma vida heroica, ou de uma maneira de viver que – ao contrário – parece tornar o heroísmo mais fácil, colocá-lo por assim dizer ao alcance da mão?

Branca:

Minha Reverenda Madre, perdoe-me, mas jamais fiz tal cálculo.

Priora:

Os mais perigosos dos nossos cálculos são os que denominamos ilusões...

¹⁵ Ao lado de “Carmagnole”, “Ça Ira” era extremamente popular durante a Revolução Francesa. Foi composta sobre a melodia de uma conhecida canção denominada “Carillon National” (Carrilhão Nacional), que a rainha Maria Antonieta gostava de tocar ao cravo. Teria sido cantada pela multidão quando a rainha subiu ao cadafalso.

Branca:

Pode ser que tenha ilusões. E gostaria muito que me libertassem delas.

Piora:

Que libertassem você... (*Acentua essas três palavras.*) Vai ter que se encarregar sozinha dessa tarefa, minha filha. Aqui cada uma já tem muito o que fazer com suas próprias ilusões. Não pense que o primeiro dever de nosso estado seja ajudar umas às outras, para que nos tornemos mais agradáveis ao Divino Mestre, como essas pessoas que retocam o pó e o ruge antes de entrar no baile. Nosso ofício é rezar, como o ofício da lâmpada é iluminar. Ninguém pensaria em acender uma lâmpada para iluminar outra lâmpada.”

Apresente um exemplo de Gênero Dramático que tenha representado ou presenciado em sua vida e descreva o que mais lhe chamou a atenção.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Copie em seu caderno as principais características do gênero dramático.
2. Qual é a principal distinção entre o gênero dramático e o narrativo?
3. Você já assistiu a uma peça teatral? Qual?
4. Você já leu alguma peça teatral como “Diálogos das Carmelitas”, de Georges Bernanos?



AULA 04

DIDAQUÉ – A INSTRUÇÃO DOS DOZE APÓSTOLOS



Didaqué (ou Didaquê), uma palavra de origem grega, que significa “instrução”, “doutrina”, “ensinamento”, é um escrito instrutivo que data

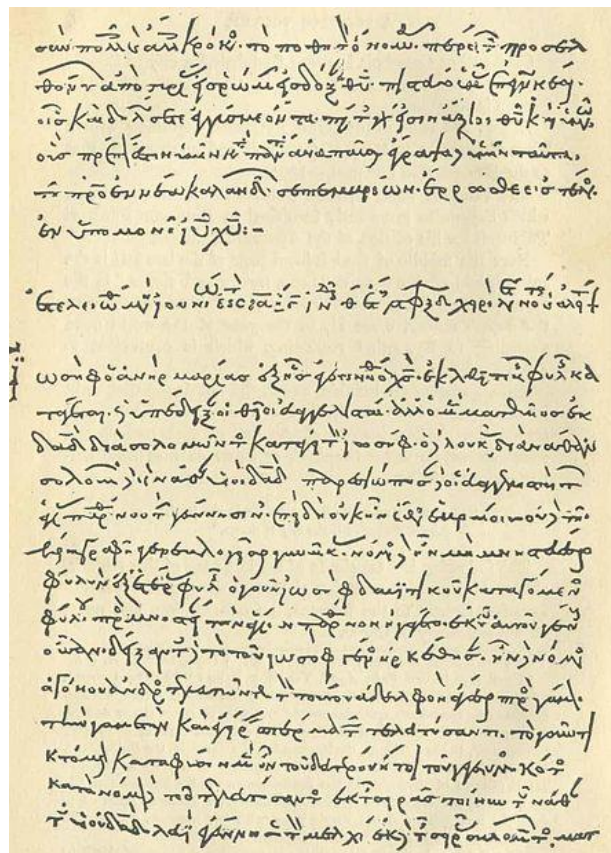
do final do primeiro século da era cristã.

Fruto da reunião de diversas fontes orais e escritas e que bem retratam a tradição das primeiras comunidades cristãs. Algumas Igrejas chegaram a considerá-lo um escrito canônico. Sua descoberta se deu, no ano de 1873, pelo monsenhor Filoteo Bryennios na biblioteca do mosteiro do Santo Sepulcro em Constantinopla. Em 1887, o documento foi levado para Jerusalém e deixado na Biblioteca Patriarcal, onde se encontra até hoje.

No que se refere sua origem histórico-geográfica, embora não haja concordância, especula-se que a Didaqué foi redigida, entre os anos de 90 e 100, na Síria, na Palestina ou em Antioquia. Apesar de esse documento trazer, no título, o nome dos apóstolos, sua autoria parece não pertencer diretamente a eles.

Tanto o conteúdo quando o estilo literário da Didaqué lembra os textos do Novo Testamento, especialmente aqueles mais exortativos. Nela, a ênfase encontra-se na observância da lei preservando extraordinariamente a liberdade humana, ou seja, compete a cada um escolher o caminho do bem ou do mal: “Existem dois caminhos: um é o caminho da vida, e o outro, o da morte. A diferença entre os dois é grande” (Did. I, 1).

Esta pequena obra compõe-se de 94 breves sentenças agrupadas em 16 capítulos. Divide-se basicamente em três partes. A primeira delas (cap. 1 a 6) trata-se de um tratado de



Última página do Didaqué

moral; a segunda (cap. 7 a 10) apresenta um antigo ritual litúrgico e a terceira parte (cap. 11 a 15) contém instruções sobre a vida comunitária.

EXERCÍCIO PARA SER FEITO EM SEU CADERNO

1. Resuma em seu caderno o que é este documento, Didaqué (ou Didaquê).
2. Leia este documento, Didaqué, e resuma em seu caderno o que trata **cada capítulo**, a partir destas indicações:

Atenção: a obra Didaqué está disponível online ou pode ser adquirida.

a) 1ª Parte: Os capítulos de 1 a 6 formam a parte doutrinal ou catequética, instruções morais e orientações sobre como instruir os catecúmenos.

b) 2ª Parte: Os capítulos de 7 a 10 dão instruções litúrgicas. Instruções de como administrar o batismo, sobre as orações, jejum e a Eucaristia.

c) 3ª Parte: Os capítulos de 11 a 15 expõem instruções disciplinares e prescrevem o que há de ser observado pelos fiéis. Explicam como distinguir os verdadeiros e os falsos profetas, a caridade e prudência em hospedar os peregrinos cristãos.

LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

LITERATURA PORTUGUESA E BRASILEIRA

- Introdução: Literatura em língua portuguesa.
- Portugal Movimentos Literários e Estilos de Época.
- Notícia Histórica da Língua Portuguesa.

INDICAÇÃO DE LEITURA

- O Sermão da Primeira Dominga da Quaresma de 1655.
- Sermão da Sexagésima.



AULA 03

MOVIMENTOS LITERÁRIOS E ESTILOS DE ÉPOCA



o longo de sua história, a Literatura acompanhou — e o continua fazendo — as mudanças das épocas, refletindo ou reagindo às alterações das estruturas construídas. Estas mudanças literárias são estudadas diante de uma perspectiva de períodos históricos aos quais denominamos **Movimentos Literários**.

Os movimentos apontam características semelhantes entre grupos de autores/escritores de uma mesma época, refletindo algum tipo de semelhança na maneira de se expressar, na escolha do conteúdo e/ou na forma, no tema, no conceito de beleza, de arte ou mesmo no modo de ver o mundo que compõe em cada momento um estilo diferente.

São essas afinidades que fazem um Movimento Literário ser diferente de outro, constituindo assim um **estilo de época** que abrange as artes em geral, os costumes e o modo de vida da sociedade, uma vez que o texto literário geralmente se torna a manifestação cultural de sua época.

Ao analisar as tendências de cada época tornam-se perceptíveis a existência de uma ou mais **escolas literárias**, como se fosse um subgrupo dentro dos Movimentos Literários.

Não podemos ser rígidos ao relacionar cada escritor com um único movimento literário, uma vez que o próprio escritor, quando escreve, não está obrigatoriamente preocupado em pertencer a este ou àquele movimento, e esta divisão é feita posteriormente, apresentada como um modelo (possibilidade) de leitura e não o único modelo para interpretação. Para entender este fato, é só pensarmos que esta divisão é feita muitos anos depois da morte dos escritores em questão.

ESTILO INDIVIDUAL E TRADIÇÃO LITERÁRIA

Estilo Individual, como o nome o diz, é a maneira própria de cada escritor se expressar, o estilo particular, o conjunto de preferências pessoais de um autor na criação de sua obra.

Há escritores que não se ligam à tendência literária vigente de sua época. Além do mais, a originalidade de sua obra pode ser tão grande que chega a despertar, em autores de outras épocas, interesse pelo mesmo projeto.

Esses escritores, de épocas diferentes, mas com projetos artísticos comuns, não pertencem ao mesmo movimento, mas podem encaixar a mesma **Tradição Literária**.

Às vezes, também, o texto escrito está muito à frente de seu tempo, o que lhe traz problemas de reconhecimento ou enquadramento.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Utilize os termos em negrito acima para fazer um esquema de estudos que tenha a definição de cada um.

Por exemplo:

– **Movimento Literário**: conjunto de escritores e obras de um período histórico com características e estilos similares.

2. Copie o quadro a seguir em uma folha de papel sulfite (A3 ou A4), com orientação no sentido horizontal, sobre **os principais Movimentos Literários de Portugal**. (Na próxima aula você copiará o quadro sobre os movimentos no Brasil.)

Deixe um bom espaço na linha abaixo da linha dos séculos, pois irá acrescentar, ao longo do estudo, novas informações, como por exemplo: principais escritores e obras de cada período, principais características de cada movimento, etc.

Literatura Portuguesa									
Era Medieval		Era Clássica			Era Romântica				
Trovadorismo	Humanismo	Renascimento	Barroco	Neoclassicismo	Romantismo	Realismo Naturalismo	Simbolismo	Modernismo	
Séculos XII a XIV	Século XV	Século XVI	Séculos XVII – XVIII	Século XVIII	Século XIX	Século XIX	Século XIX	Século XX	



AULA 05

INÁCIO DE ANTIOQUIA: NOTA BIOGRÁFICA

Objetivo: apresentar a biografia de Inácio de Antioquia, para fins de inspirar o coração e a alma na busca por Jesus Cristo, ainda que haja sacrifícios a serem feitos no caminho.

Indicação de Leitura: “O que é um Mártir?” publicado no site oficial da Opus Dei, disponível em: <https://opusdei.org/pt-br/article/o-que-e-um-martir/>

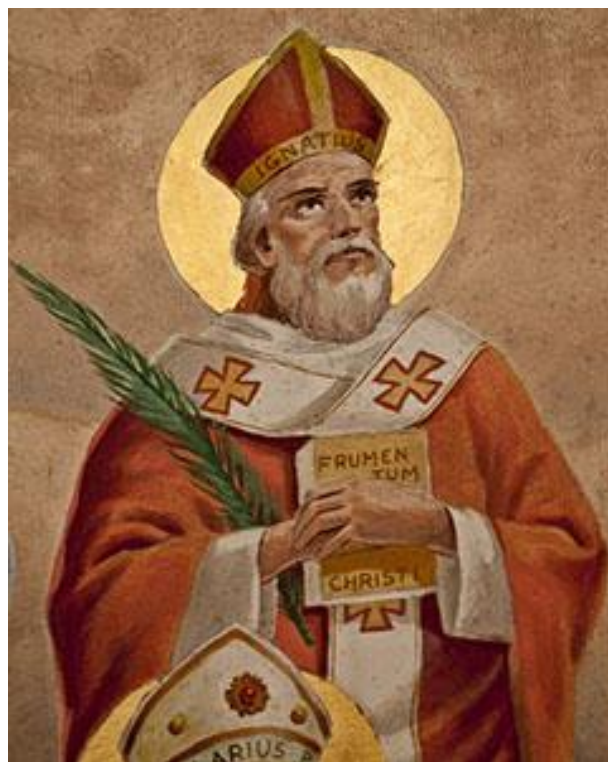
A VIDA DE INÁCIO DE ANTIOQUIA



riundo de Antioquia, o nome de Inácio deriva do latim: “igne” significa “fogo”, e “natus” significa nascido. Desse modo, “ignacius” é aquele que é nascido do fogo. Aqui, “fogo” não tem sentido literal, mas figurado, de modo a significar o seguinte: “ignacius” é o ardente amor por Jesus Cristo.

A sua biografia, devido ao longo intervalo histórico entre o seu nascimento e os tempos atuais, perdeu-se. Porém, existem fontes históricas que ainda nos fornecem fragmentos sobre este Santo da Santa Igreja. A obra “Patrística: Padres Apostólicos”, da Editora Paulus, reúne tais fontes e é a principal referência para a elaboração deste material.

Pouco se sabe sobre a família de Inácio de Antioquia. A informação que sobreviveu ao tempo é, sobretudo, sobre a sua vida cristã e sobre a missão que recebeu enquanto apóstolo, isto é, membro pertencente à Igreja de Cristo. Segundo, porém, Eusébio, Inácio teria sido o segundo bispo de Antioquia. Informação distinta, todavia, encontramos em um relato do século IV de São Jerônimo: “Inácio, terceiro bispo, depois do apóstolo Pedro, da Igreja de



Antioquia, foi enviado a Roma, condenado às feras, durante a perseguição movida por Trajano.” (De Viris Illustribus, XVI).

Pouco sobre a sua personalidade sobreviveu. Segundo a tradição da liturgia bizantina, Inácio foi um: “[...] dos apóstolos em sua vida, sucessor deles sobre seus tronos, tu encontres na prática das virtudes, ó inspirado de Deus, o caminho que conduz à contemplação. Assim, dispensando fielmente a palavra de verdade, lutastes pela fé até ao sangue, ó Pontífice mártir Inácio. Roga ao Cristo para que salve nossas almas”. A Igreja de Antioquia o celebra a 17 de outubro, data que se encaixa melhor com a data da Carta aos romanos (24 de agosto). A liturgia latina o festeja a 1º de fevereiro. A escolha do evangelho da celebração alude à lenda que pretende ver naquela criança que Jesus tomou nos braços, em Mc 9, 33, o menino Inácio. Daí ser cognominado ‘Theoforos’, isto é, carregador de Deus.”

Santo Inácio tornou-se célebre graças às peregrinações que coordenava de Antioquia a Roma, entre os anos 107-110. Durante as viagens, quando parava para descansar, escrevia cartas evangelizadoras. Foi durante essas peregrinações que o seu martírio teria acontecido. Segundo Eusébio, conforme o exposto, há apenas uma “tradição” que sustenta que Inácio foi enviado para Roma para ser martirizado. Nas palavras de Eusébio:

“Naquele tempo, florescia na Ásia um companheiro dos apóstolos, Policarpo, (...). Ao mesmo tempo que eles igualmente eram conhecidos Pápias, bispo também ele da Igreja de Hierápolis, e o homem ainda hoje celebrado pelas multidões, Inácio, que tinha obtido, na sequência da sucessão de Pedro, o segundo lugar. A tradição conta que ele foi enviado da Síria à cidade de Roma para se tornar o alimento das feras, por causa do testemunho pelo Cristo. Enquanto viajava através da Ásia sob a vigilância atenta dos guardas, confirmava as Igrejas por onde passava com seus colóquios e suas exortações em todas as cidades onde passava (HE, III, 36,1-4).”

Não se sabe o quão acuradas eram as informações de Eusébio. Mas é ele quem fornece informações gerais sobre as cartas que Inácio escreveu em vida. Ele diz: “Foi assim que, estando em Esmirna, onde era bispo Policarpo, escreveu à Igreja de Éfeso uma carta, na qual faz menção de seu pastor, Onésimo; outra à Igreja de Magnésia sobre o Meandro, na qual faz igualmente menção do bispo Damas; outra à Igreja de Trália, onde diz que o chefe era, então, Polibo. Além dessas cartas, escreveu também à Igreja dos romanos, à qual desenvolveu uma exortação para que não se faça campanha em vista de privá-lo do martírio, sua esperança e seu desejo.”

AS CARTAS

As cartas seguem um esquema comum: há sempre uma saudação seguida dos elogios das qualidades da comunidade; são sempre feitas recomendações para combater as heresias e fazer com que a comunidade cresça em torno do Bispo, ao mesmo tempo em que a este é submisso. Por fim, Inácio finaliza com uma saudação final e um pedido de preces e orações.

Entre os temas principais temos a união com Deus, com Jesus Cristo, com o Bispo e entre os cristãos. Sobre essa união surge, segundo Inácio, a vida genuinamente cristã em comunidade: a imitação de Cristo.

O MARTÍRIO DE UM SERAFIM



Assim Santo Tomás de Aquino, explica o martírio:

“Entre todos os atos de virtude, o martírio é aquele que manifesta no mais alto grau a perfeição da caridade. Porque tanto mais se manifesta que alguém ama alguma coisa, quanto por ela despreza uma coisa amada e abraça um sofrimento. É evidente que entre todos os bens da vida presente aquele que o homem mais preza é a vida e, ao contrário, aquilo que ele mais odeia é a morte, principalmente quando vem acompanhada de torturas e suplícios por medo dos quais ‘até os próprios animais ferozes se afastam dos prazeres mais desejáveis’, como diz Agostinho. Deste ponto de vista, é evidente que o martírio é, por natureza, o mais perfeito dos atos humanos, enquanto sinal do mais alto grau de amor, segundo a palavra da Escritura: ‘Não existe maior prova de amor do que dar a vida por seus amigos.’”

Sobre o martírio de Santo Inácio, uma numerosa multidão acorrera ao Coliseu para presenciar o sangrento espetáculo de destroçamento do corpo do mártir. Este, sereno e alegre, não manifestou a menor vacilação quando as grades foram abertas e entrou no vasto anfiteatro, à espera do trágico momento em que as bestas ferozes fossem soltas. As vaias e os escárnios daqueles pagãos para ele nada significavam. Pelo contrário, eram-lhe uma razão a mais para crer na invisível coorte de bem-aventurados a esperá-lo com uma palma e uma coroa.

Ouve-se um hurra na turbamulta, sucedido por silêncio e um grande suspense: os famintos leões irromperam na arena e, impetuosos, avançaram sobre a pura e inocente vítima

para devorá-la. Entretanto, com a majestade e império que possuem as almas tomadas pelo Espírito Santo, o mártir estancou-as a meio caminho, com um simples gesto de mão.

Num movimento solene, ajoelhou-se e, elevando os braços ao céu, clamou em alta voz:

“Senhor, aqueles que me acompanharam e que são também vossos filhos, pediram-me que rezasse a fim de que algo lhes sobre deste martírio, para estímulo de sua fé. Eu, porém, desejaria ser triturado como o trigo para vos ser oferecido como hóstia pura. Senhor, fazei a vontade deles e também a minha, eu vos peço”.

Após a oração, assistida com estupefação pela horda criminosa e pagã e pelas feras, com respeito, eis que ainda mais grandioso e nobre gesto permitiu a estas últimas sair de seu miraculoso encantamento e dar vazão aos instintos de sua voraz natureza.

Em poucos minutos, lá entravam os gladiadores a agrilhoar aqueles animais que acabavam de saciar seu bestial apetite com as carnes de um novo serafim. A arena vazia, o espetáculo terminado, retirou-se vagarosa e frustrada a assistência. Que demonstração de fé e de nobreza haviam presenciado!

Os cristãos por ali ainda permaneceram à espera do cair do sol. E quando o manto da noite passou a cobrir a cidade de Roma, penetraram na arena à procura das poeiras tornadas relíquias ao serem embebidas pelo sangue daquele que agora os precedia na glória celeste.

Como milagre, encontraram intactos um fêmur e o coração! Tomados de sobrenatural entusiasmo, caminharam sem medir distâncias, rumo às catacumbas e depois de algumas horas, constatarem, à luz das lamparinas, outro milagre: num círculo, as veias e artérias do coração do santo mártir, constituíam as célebres palavras: Iesus Nazarenus, Rex iudeorum.



Seu martírio é, também, frequentemente mencionado na Carta aos Romanos, ele escreve: “Deixai-me ser o pasto das feras’ (Rm 4, 1).” e segue exprimindo o seu desejo:

“Desde a Síria até Roma, luto contra as feras, por terra e por mar, de noite e de dia, acorrentado a dez leopardos, a um destacamento de

soldados; quando se lhes faz bem, tornam-se piores ainda. Todavia, por seus maus tratos, eu me torno melhor discípulo, mas “nem por isso sou justificado [...] Possa eu alegrar-me com as feras que me são preparadas. Agora estou começando a me tornar discípulo. Que nada de visível e invisível, por inveja, me impeça de alcançar Jesus Cristo. Fogo e cruz, manadas de feras, lacerações, desmembramentos, deslocamento de ossos, mutilações de membros, trituração de todo o corpo que os piores flagelos do diabo caiam sobre mim, com a única condição de que eu alcance Jesus Cristo”.

No livro verde da Patrística, encontramos uma rica informação sobre a contribuição de Inácio para a Santa Igreja:

“Th. Camelot chama a atenção para outros pontos importantes da doutrina inaciana: ‘Como a seus grandes doutores, a Igreja lhe deve certos traços que permanecerão adquiridos para sempre: para a doutrina da encarnação e da redenção, da igreja ou da eucaristia, Inácio trouxe para a construção do dogma católico pedras sólidas e bem talhadas que permanecerão à base do edifício’^c. Vêem os especialistas em Efes, 1, 1, e 7, 2, indicação da divindade de Cristo: o Salvador e o gerado e não gerado. Este termo “não gerado = ingênito” vai fazer correr rios de tinta. O Concílio de Nicéia (325) fixará no Credo o “genitum non factum”, gerado não criado. Mas, em Inácio, não tem ainda esta precisão, embora Atanásio que tomou parte efetiva na elaboração deste vocábulo, reconheça a perfeita ortodoxia do texto de Inácio. [...]”.

Não obstante as contribuições, o tema central das suas cartas é o da unidade. Para manter a unidade com Deus e com Jesus Cristo, segundo Inácio de Antioquia, é preciso manter a unidade com o Bispo. Nessa unidade, se cultiva a coesão e a obediência entre os presbíteros, diáconos e leigos.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Independentemente do que dizem sobre a sua vida, Santo Inácio de Antioquia nos deixou um registro, que é uma fonte primária da história, que é forte subsídio para a tese de que foi um dos Mártires da Santa Igreja. Que registro é esse?

2. Quais os principais temas e assuntos abordados nas cartas?

3. Qual a causa do martírio de Santo Inácio de Antioquia?

4. Nos tempos atuais, não vemos mais os católicos se dispondo ao martírio conforme era frequente no passado. Qual a causa disso? Ou será que o martírio atual se realiza por meio de outros chamados?

Refleta e elabore sua resposta. Considere o artigo complementar indicado no início da aula.



AULA 08

APROFUNDANDO OS CONHECIMENTOS: VISÃO INFERNAL DE DUARTE DE BRITO

Objetivo: Conferir um aprofundamento no tema do “Inferno” a partir do exposto por Duarte de Brito.

VISÃO INFERNAL DE DUARTE DE BRITO



D'arredor em companhia
via cousas mui enormes,
que d'espanto não podia
poder-me dar ousadia,
olhar rostos tão disformes!
Com seus basiliscos vultos
d'horríveis disformidades
me parecia
os que me eram mais ocultos

mais presentes fealdades
das que via.
Assim vendo com grã dor
minha morte conhecida,
de meu rosto minha cor
já roubada com temor,
mais da morte que da vida.
Fui levado per lugares,
onde vi em vivas chamas
estar ardendo
muitas gentes com pesares
de namorados com damas
padecendo.

Desde o título temos a dimensão da densidade do tema que será tratado na obra. “A visão infernal” é literalmente - com o auxílio de várias figuras de linguagem explanadas adiante - um rol de observações na linguagem poética do trágico fim daqueles que optaram livremente por se afastar de Deus até o último segundo de suas vidas.

Para compreender o poema em tela, é necessário antes entender o que é o pecado e suas graves consequências, “porque o salário do pecado é a morte, enquanto o dom de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.” (Romanos 6, 23).

Para Santo Agostinho, o pecado é o “amor de si mesmo até o desprezo de Deus” (Civita Dei 14,21). Em outras palavras, o ser humano comete um ato de idolatria: busca agradar a própria vontade, mesmo que isso signifique ferir a Lei de Deus e ofendê-Lo.

Essa infeliz escolha, ocorre como fruto do uso errado de um dos bens mais sagrados dos quais fomos agraciados pelo Criador: a liberdade. O livre arbítrio nos foi dado para verdadeiramente amar a Deus e aos irmãos, porém, ao optar livremente pelo pecado, jogamos como que pérolas aos porcos, e amamos a nós mesmos.

Porém, a filáucia, nome teológico para o amor de si por si mesmo, dom de Deus, após o pecado original foi desordenado. Isso resultou em um amor doentio, e nesse sentido, ao desprezar o Amor e a Vontade de Deus para impor a nossa, nos destruímos para sempre.

O caminho da Misericórdia de Deus para com aqueles que escolheram permanecer no pecado longe de Sua bondade, foi não invadir a liberdade, e permitir que passassem a eternidade distante de Sua Glória. Deste contexto pontua-se que, até mesmo o inferno e o sofrimento que lá existe, não negam tamanha benevolência de Deus.

Se Deus em sua infinita bondade é perfeito e tudo que Ele cria é bom, belo e verdadeiro, o oposto disso (mau, feio e mentiroso) é descrito nos primeiros versos da poesia: “*que d'espanto não podia poder-me dar ousadia, olhar rostos tão disformes! (...) Com seus basiliscos vultos d'horríveis disformidades me parecia os que me eram mais ocultos mais presentes fealdades*”. Tudo que no inferno

existe é imperfeito, disforme, incompleto, “feio”, pois a beleza é um atributo de Deus e decorre de sua inata perfeição.

Cumprir destacar, que no trecho em análise, “vultos”, possuem significado mais próximo a sua origem latina, em que vultus se assemelha ao rosto, face. Nessa lógica, os “vultos horríveis”, são na verdade “rostos horríveis”. Provavelmente, o eu lírico está enxergando as faces das almas condenadas ao inferno, e para além do feio, exibem possível fisionomia agonizante pelos castigos eternos.

Tal interpretação pode ser confirmada com os indícios fornecidos nos versos *“de meu rosto minha cor já roubada com temor”*, pois o rosto do narrador também está alterado: sem cor pelo temos experimentado ao ver tantos horrores, como pela grande dor de sua própria morte, citada em *“Assim vendo com grã dor minha morte conhecida”*.

Em *“Fui levado per lugares, onde vi em vivas chamas estar ardendo muitas gentes com pesares de namorados com damas padecendo”* é possível identificar a imagem do inferno retratada em muitas telas, como *“A Queda dos Amaldiçoados”* também conhecido como *“A Queda dos Anjos Rebeldes”* de Peter Paul Rubens, *“O Juízo Final, detalhe de Satanás devorando os condenados no inferno”* de Fra Angelico ou Inferno Hieronymus Bosch, dentre tantas outras pinturas.

Os elementos do fogo, lago de fogo, chamas que não se apagam nunca, tormentos e até enxofre, estão explícitas na Sagrada Escritura como presentes no inferno. É o que se constata em passagens como *“Os tíbios, os infieis, os depravados, os homicidas, os impuros, os maléficos, os idólatras e todos os mentirosos terão como quinhão o **tanque ardente de fogo e enxofre, a segunda morte.**”* (Apocalipse 21, 8)

Cumprir destacar que o fogo do qual se refere a poesia, as pinturas e as passagens bíblicas citadas previamente não é o mesmo fogo purificador do Purgatório. Enquanto esse purga, ou seja, retira o que resta de impuro para que a alma se apresente sem manchas para Deus, ao entrar para a Glória eterna, de modo diverso é o fogo do Inferno.

Nele, não há mais esperança de salvação, não há mais chances de viver na presença de Deus. É a tragédia de não ter sido aquilo que Deus sonhou e preparou, e agora não há mais arrependimento, apenas culpa e remorso, pois não há mais como voltar.

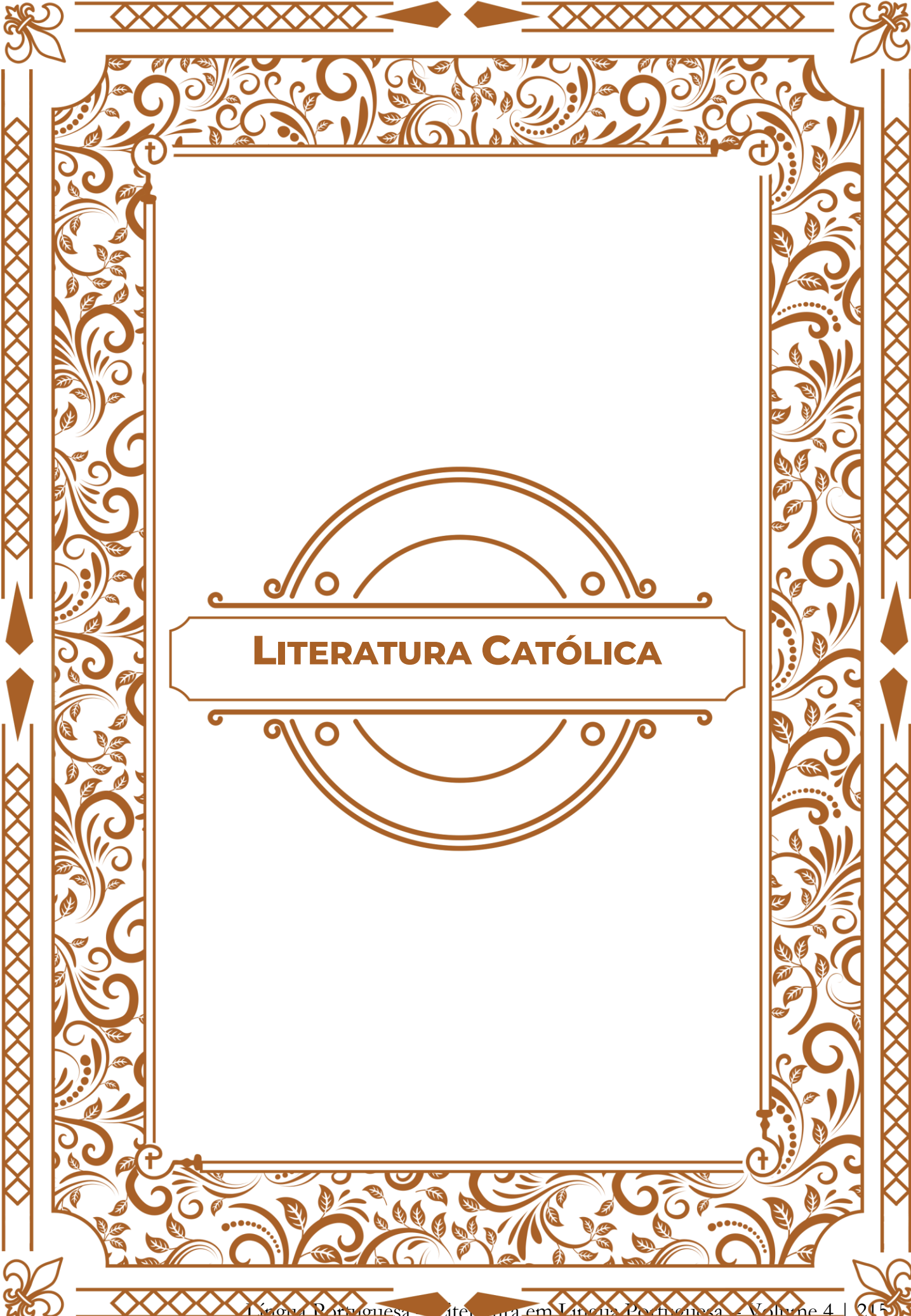
O poema finaliza citando namorados e damas em sofrimento, que estão na tormenta do inferno. Possíveis indícios de que os pecados que os levaram à condenação foram aqueles contra o sexto mandamento, não vivenciando a virtude da castidade, tão zombada em nossos tempos, mas tão necessária para aqueles que buscam a Vida Eterna.

Logo, o texto transmite valorosas meditações acerca da morte, do uso da liberdade humana, e do nosso fim. Somos chamados à santidade, mas cumpre a cada um corresponder a esse chamado com pensamentos, palavras e ações, sabendo que Deus determinará o destino final de cada alma baseada nas escolhas que fazemos em vida. Não fuçamos das consequências de nossas escolhas, e lutemos para entrar pela porta estreita, pois largo é o caminho que leva à perdição.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

1. Pesquise as pinturas citadas no texto e trace um paralelo entre os elementos que aparecem nas telas, com os que são encontrados na poesia.
2. O Senhor nos fala em várias passagens bíblicas características do Inferno e de seus tormentos. Copie, com a devida citação, três versículos em que encontramos essas descrições.
3. Santa Catarina de Sena, doutora da Igreja, diz que “no inferno, cada um a seu modo, se envolverá na podridão em que viveu na terra”. Como podemos relacionar essa frase à última estrofe da poesia?

LITERATURA – VOLUME 5



LITERATURA CATÓLICA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO – VOLUME 05

SÉCULOS III:

- Santo Atanásio (296 d.C. – 373 d.C.)

SÉCULOS IV:

- São Basílio Magno (330 d.C. – 379 d.C.)

OBRA:

- Tratado sobre o Espírito Santo, de São Basílio Magno.

LEITURA MENSAL:

- A árvore da vida (Louis de Wohl)

LEITURA MENSAL

A ÁRVORE DA VIDA

Referência Bibliográfica:

WOHL, LOUIS DE. **A Árvore da Vida**. São Paulo: Edições Paulinas, 1962.

EXERCÍCIOS

1. Qual é o tipo literário desta obra? Qual é a técnica literária que o autor empregou?
2. Qual é o assunto tratado nesta obra?
3. Qual o objetivo do tradutor, Pio Benedito Ottoni, com esta tradução?
4. Comente sobre a historicidade da obra.
5. Identifique as cidades/regiões referidas na obra com as suas atuais denominações:
 - Camulodunum –
 - Londinum –
 - Eburacum –
 - Verulamium –
 - Trácia –
 - Britânia –
 - Gália –
6. “Se você não pode cuidar de coisas pequenas, como poderá cuidar das grandes?”
 - a) De qual personagem partiu esta indagação?
 - b) Você consegue identificar, no Evangelho, o que diz Jesus sobre o ser fiel no pouco?
7. “Nós não fazemos outros povos trabalharem para nós, e não obrigamos os outros a combater por nós, – como Roma faz.”
 - Quem faz esta crítica e com quem conversava? Comente o conteúdo.
8. O que significa a expressão em latim “*Anno Domini*”?
9. Sobre o exército romano, identifique:
 - Legião –
 - Coortes –
 - Legionários –
 - Manípulos –

Centúrias –

Legados –

Tribunos –

Centuriões –

10. Explique onde localizam-se as Colunas de Hércules.

11. “Tudo de que eles cuidavam era de seus lucros e de seus prazeres: encher os bolsos, encher a barriga e dormir em alguma coisa macia e flexível. E era assim não só em Roma, mas em Nápoles, em Atenas, em Bizâncio, em Alexandria e em toda parte do Império.” (p. 77)

– Qual a semelhança com o nosso mundo atual? Justifique.

12. “Eu construí uma igreja em Verulam em memória de Albano. A voz de Helena era tranquila e firme – Quis que sua memória perdurasse através dos séculos.” (p. 205)

– O que levou Helena a consagrar a igreja à Santo Albano?

13. “Constantinus começou a tamborilar com os dedos na mesa que tinha defronte de si. Ele estava um pouco contrariado por ter sido arrastado para o terreno da dialética por esse querido velho crédulo.

– Você, porém, não viu esses milagres.

– Nem combati em Farsália ou na tomada de Jerusalém, sob Tito, – respondeu Cúrio, dando de ombros. – Mas isso significa que eu sou crédulo por crer que Jerusalém foi tomada?

– Mas, homem; esses fatos são históricos...

– Eu sei. É justamente isto. Também o são os milagres de Cristo. Fatos históricos. Relatos por testemunhas de vista. Não posso ver por que razão devo acreditar em Flavius Josefus quando ele fala da destruição de Jerusalém, e não no Apóstolo João quando este refere os milagres de Cristo. Não tenho razão alguma para duvidar da sinceridade quer de um, quer de outro, desses autores.” (p. 135)

– Comente, a partir do conteúdo deste parágrafo, sobre a necessidade da Apologética.

14. Escreva sobre o que você gostou nesta obra.

15. “Este povo é de melhor raça, – disse, – mas há pouca gente, e por quê? Porque todo o país é uma grande floresta. Teremos de abater tudo isso e transformar a província em campos agrícolas. Cuidarei disso. E ele tem um plano para levar as águas de um lago de lá, o Lago Pelso, para o Danúbio.” (p. 176)

– Comente este parágrafo relacionando-o com as ideologias ecologistas de nosso tempo.

16. “Acredito porque não sei; se soubesse, não teria necessidade de acreditar.”

– Explique esta frase dita por um dos cristãos, personagem do livro.

17. “Por este sinal vencerás.”

– Comente este acontecimento.

18. O que foi o Edito de Milão?

19. Descreva o encontro da Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo por Helena.

LINHA DO TEMPO DOS SANTOS

Durante os três anos do Ensino Médio elaboraremos uma linha do tempo de todos os Santos que foram apresentados na disciplina de Literatura.

Encontre as imagens apresentadas no modelo abaixo, ou semelhantes, ou faça a ilustração do Santo, conforme preferir. Elabore e ordene a linha do tempo de acordo com as datas de nascimento e falecimento de cada Santo.

Sugerimos que utilize **sempre a folha de papel sulfite na posição horizontal**, para estabelecer um padrão e para que seu trabalho fique organizado.

Abaixo de cada imagem você deverá acrescentar **o nome do Santo e uma frase significativa de autoria do Santo**, ou que remeta a ele, e deverá memorizá-la.

Ao término do Ensino Médio você poderá encadernar estas folhas e recordar, com gratidão, todas as graças e estudos que foi realizando por meio de cada leitura.

Analise e siga o modelo:

SÉCULOS III E IV



Santo Atanásio
(296 d.C. – 373 d.C.)



São Basílio Magno
(330 d.C. – 379 d.C.)



AULA 10

SÃO BASÍLIO MAGNO – TRATADO SOBRE O ESPÍRITO SANTO – PARTE 1

Objetivo: *compreender a natureza do Espírito Santo e a impossibilidade de dissociação desta Pessoa da Santíssima Trindade das demais Pessoas da Santíssima Trindade, tendo em vista a sua procedência e natureza iguais.*

INTRODUÇÃO AO TRATADO SOBRE O ESPÍRITO SANTO



até o Concílio de Niceia, no ano 325, a atenção do pensamento cristão se voltava para o próprio Cristo e a sua relação com a pessoa do Pai e com todos nós. São Basílio, que viria a sustentar a consubstancialidade da natureza divina do Espírito Santo, pressionado, não ocultou sua opinião, que chegou mesmo a causar embaraço e confusão na fé.

Perguntas eram levantadas de todos os lados. Nesse contexto, nasce o livro sobre o Espírito Santo. O objetivo, a princípio, era o de responder às demandas de esclarecimentos sobre a divindade do Espírito Santo.

Era preciso que uma obra fosse escrita, para que se restaurasse a unidade entre as dioceses. Em uma carta destinada a seu irmão Gregório, São Basílio definiu a substância como sendo aquilo que é comum aos indivíduos da mesma espécie: o que todos possuem igualmente. Essa substância, entretanto, não pode existir sem que haja os caracteres individuais que a determinam.

Desse modo, ao tratar-se da divindade do Espírito Santo, um novo ponto de partida foi estabelecido: um conceito claro do que é substância que, uma vez adotado, tornou mais fácil a compreensão da natureza do Espírito Santo.



Santos Basílio Magno e Gregório

Esse foi o princípio determinado pelo tratado que acrescentou a ortodoxia católica. Nas aulas que se seguem, estudaremos os capítulos seletos desse valioso tratado.



9. NOÇÕES BEM DEFINIDAS DO ESPÍRITO SANTO, SEGUNDO O ENSINAMENTO DAS ESCRITURAS

Examinemos agora quais as noções geralmente aceitas sobre o Espírito, as que coletamos das Escrituras e as que nos foram transmitidas pela Tradição oral dos Padres. Em primeiro lugar, ao ouvir as denominações do Espírito, não se eleva a mente, não ergue os pensamentos para a mais sublime natureza? Ele recebe os nomes de “Espírito de Deus”, “o Espírito da verdade, que vem do Pai” (Jo 15, 26), “Espírito reto”, “Espírito principal” (Sl 50, 12-14). Mas, Espírito Santo é especialmente seu nome próprio, pois ele é o ser mais incorpóreo, inteiramente imaterial e simples. Por esta razão, o próprio Senhor ensinou à samaritana que acreditava necessário adorar a Deus em determinado lugar, que o ser incorpóreo é incircunscrito, dizendo: “Deus é espírito” (Jo 4, 24). Por isso, quem ouve falar em Espírito não deve imaginar uma natureza circunscrita, ou sujeita a mudança e alteração, em tudo semelhante a uma criatura. Mas, quem eleva o pensamento ao ser mais sublime, necessariamente terá em mente uma substância inteligente, de poder infinito, grandeza ilimitada, fora do tempo e dos séculos, em nada ciosa de seus próprios bens. Para ele voltam-se todos os que anseiam pela santificação, para ele se dirigem os anelos dos que vivem segundo a virtude, quantos recebem o refrigério de seu sopro, e são amparados para alcançar o fim adequado a sua natureza. Aperfeiçoa os outros, enquanto ele mesmo de nada carece. Não é um ser vivo que precise se refazer; ao contrário é provedor (choregón) de vida. Não aumenta progressivamente, mas logo possui a plenitude; é consistente por si mesmo, está em toda a parte. Origem da santificação, luz inteligível, concede por si mesmo certa iluminação a toda faculdade racional, a fim de que descubra a verdade. Inacessível por natureza, faz-se, contudo, inteligível, por bondade. Seu poder enche todas as coisas, mas somente se comunica aos que são dignos, não, porém, numa só medida, mas opera proporcionalmente à fé.

Simple por essência, seu poder, contudo, se manifesta em milagres variados (Hb 2, 4). Está presente todo inteiro a cada ser, embora todo inteiro em toda parte. Impassível na partilha, indefectível na comunicação, à semelhança do raio solar, que agracia, como se fosse o único, àquele ao qual está presente, enquanto ilumina a terra, o mar, infiltrando-se também no ar. De igual modo, o Espírito está presente, como se fosse o único, a cada um dos que são capazes de acolhê-lo; permanece intacto e comunica graça suficiente para todos. Os participantes da graça do Espírito dela usufruem quanto é possível a sua natureza, não, porém, à medida que ele pode transmiti-la.

A íntima união do Espírito com a alma não é uma proximidade local. Como seria possível haver aproximação corporal daquele que é Incorpóreo? Achar-se-ia, ao invés, na renúncia às paixões, que, devido ao amor que a alma dedica à carne, assaltam-na, afastando-a da intimidade com Deus. Somente podemos nos aproximar do Paráclito, se nos purificarmos da deformidade proveniente dos vícios e recuperarmos a beleza própria da nossa natureza, restituindo assim à imagem do rei, através da purificação, sua primitiva forma. O Paráclito, porém, como um sol, haverá de penetrar nos teus olhos purificados, e mostrar-te em si a Imagem do ser Invisível. Na feliz contemplação da Imagem, verás a inefável beleza do modelo original (arquétipos). Por meio dele, elevam-se os corações, os fracos são conduzidos pela mão, os que progridem chegam à perfeição. Ele é que, iluminando os que se purificaram de toda mácula, transforma-os em espirituais, através da comunhão com ele. E como os corpos claros e diáfanos, atingidos por um raio luminoso, tornam-se brilhantes e emitem outro fulgor, assim as almas portadoras do Espírito, iluminadas por ele, tornam-se elas também espirituais e propagam a graça. Daí as consequências: a previsão do futuro, a inteligência dos mistérios, a percepção das coisas ocultas, a distribuição dos carismas, a cidadania celeste, o canto em coro com os anjos, a alegria interminável, a habitação junto de Deus, a semelhança com Deus, enfim o anelo supremo: tornar-se Deus. De fato, estes são a respeito do Espírito Santo, para mencionar apenas alguns, os nossos conceitos concernentes a sua grandeza, dignidade e obras, aprendidos das palavras do mesmo Espírito. Vamos agora ao encontro dos contraditores, tentando refutar as objeções extraídas de uma pseudociência e por eles propostas.

10. CONTRA OS QUE AFIRMAM NÃO SER LÍCITO PÔR O ESPÍRITO SANTO NA MESMA ORDEM QUE O PAI E O FILHO

Não se deve, dizem eles, pôr o Espírito Santo na mesma ordem que o Pai e o Filho, por causa da diferença de natureza e do grau inferior de dignidade. É justo responder com as palavras dos apóstolos: “É preciso obedecer antes a Deus que aos homens” (At 5, 29). Se, porém, o Senhor claramente, na instituição do batismo da salvação, ordenou aos discípulos que batizassem todos os povos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo (Mt 28, 19), e não considerou indigna de si a comunhão com este Espírito, quando os adversários afirmam que não se deve colocá-lo na mesma ordem que o Pai e o Filho, como não ver nisso uma aberta oposição ao mandamento de Deus? Se, ao invés, conforme dizem eles, colocá-lo na mesma ordem não representa estar em comunhão ou união, respondam-nos, então, como julgam lícita sua opinião, e se conhecem maneira mais apropriada de designar a união. Seja como for, se o próprio Senhor não uniu o Espírito Santo a si e ao Pai no batismo, tampouco venham nos acusar de os unir. Efetivamente, nós nada pensamos, nem afirmamos divergindo dele. Mas, se ali o Espírito se acha unido ao Pai e ao Filho, e se ninguém é tão ousado para assegurar outra coisa, não nos censurem por seguirmos as Escrituras.

Mas, estão prontos os preparativos da guerra contra nós. Os espíritos estão aguçados contra nós, e as línguas caluniadoras lançam suas flechas com maior intensidade do que a empregada ao apedrejar Estêvão aqueles que odiavam os cristãos. Mas, não se escondam! Efetivamente, pretexto para a guerra somos nós, mas na verdade o alvo em mira está mais

alto. Contra nós, de fato, se preparam os mecanismos de guerra e as ciladas, e estimulam-se mutuamente ao esforço de dar cada qual o que possui em experiência e coragem. Mas, é a fé que é combatida. Meta comum de todos os adversários, inimigos da sã doutrina, é abalar o fundamento da fé em Cristo, arrasando, fazendo desaparecer a Tradição apostólica. Por isso, eles, aparentando ser detentores de bons sentimentos, recorrem a provas

extraídas das Escrituras, e lançam para bem longe, como se fossem objetos vis, os testemunhos orais dos Padres. Mas não atenuaremos a verdade, nem por temor trairemos nossa aliança. Ora, se o Senhor nos transmitiu como doutrina obrigatória e salvífica que o Espírito Santo está na mesma ordem que o Pai, e eles opinam que assim não é e que importa separá-los, romper esta coordenação, e trasladar o Espírito ao nível de uma natureza servil, não é verdade que eles dão maior importância a sua blasfêmia do que às normas de seu Senhor? Em consequência, rejeitemos qualquer gosto de polêmica, e examinemos juntos o que temos em mãos.

Como somos cristãos? Pela fé, será a resposta. De que maneira seremos salvos? Pela regeneração, pela graça do batismo. Como poderia ser de outra forma? Cientes da salvação operada pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, abandonaríamos o modelo de salvação que recebemos? Sem dúvida, seria motivo de profundos gemidos encontrarmos-nos agora mais longe da salvação do que quando acreditamos (Rm 13, 11), se agora rejeitarmos o que então aceitamos. Igual prejuízo seria partir sem batismo, ou receber um batismo falho em algo de tradicional. Relativamente à profissão de fé, entregue na primeira fase da entrada, quando, renunciando aos ídolos, aderimos ao Deus vivo, se alguém não a guarda sempre, e não a segura durante toda a vida, qual sólida salvaguarda faz-se estranho às promessas de Deus, opondo-se ao documento escrito de próprio punho, entregue por ocasião da profissão de fé. Efetivamente, se o batismo é para mim o início da vida e o primeiro dos dias é o da regeneração, consequentemente a palavra mais preciosa é a que foi proferida quando me foi conferida a graça da filiação adotiva. Poderia trair, seduzido por suas pretendidas razões, esta transmissão (parádosis = tradição) que me introduziu na luz, concedeu-me a graça do conhecimento de Deus, pelo qual, de pecador inimigo fui transformado em filho de Deus? Bem ao contrário, suplico para mim o dom de partir com esta profissão para junto do Senhor, e a eles, entretanto, exorto-os a conservar uma fé íntegra até o dia de Cristo, a crer que o Espírito é inseparável do Pai e do Filho e a seguir exatamente o ensinamento do batismo, na confissão da fé e na recitação das doxologias.

11. É UMA TRANSGRESSÃO RENEGAR O ESPÍRITO

Para quem a tribulação? Para quem a angústia e as trevas? Para quem a sentença condenatória (Pr 23, 29)? Não seria para os transgressores? Não seria para os que negam a fé? Qual a prova da negação? Não renegaram a própria profissão? Que profissão fizeram e quando? Confessaram crer no Pai e no Filho e no Espírito Santo, quando, tendo renunciado ao diabo e a seus anjos, proferiram aquela palavra de salvação. Qual então a denominação adequada para lhes ser aplicada pelos filhos da luz? Não foram denominados transgressores, por faltarem a seus compromissos salutíferos? Então, como nomearei ao que renega a Deus? Como haverei de designar a quem renega a Cristo? Que denominação a não ser a de

transgressor? Que nome queres que atribua ao que nega o Espírito? Não seria o mesmo que o aplicado a quem não cumpriu a aliança feita com Deus? Por conseguinte, se confessar a fé no Espírito nos torna felizes pela piedade e, ao invés, renegá-lo acarreta-nos a sentença condenatória por impiedade, como não seria terrível agora verificar que existem os que o renegam, não impelidos pelo temor do fogo, nem pelo medo da espada, da cruz, dos flagelos, da roda, das torturas, mas apenas enganados pelos sofismas e insinuações dos adversários do Espírito? Atesto a todo aquele que confessa o Cristo, mas renega a Deus, que Cristo em nada o ajudará. Dou testemunho ao que invoca a Deus, mas rejeita o Filho que sua fé é vã, e ao que recusa aceitar o Espírito que a sua fé no Pai e no Filho cairá num vazio; nem mesmo poderá possuir a fé, se não tiver o Espírito. Efetivamente, não crê no Filho quem não acredita no Espírito; nem crê no Pai aquele que não crê no Filho. Com efeito, “ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’ a não ser no Espírito Santo” (1Cor 12, 3). “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho Unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1, 18). Acha-se também excluído da verdadeira adoração aquele que renega o Espírito. De fato, é impossível adorar o Filho, a não ser no Espírito Santo, nem é possível invocar o Pai, a não ser no Espírito da adoção filial.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

Questão 1. Qual o princípio de que partiu São Basílio para sustentar a divindade do Espírito Santo?

Questão 2. Por qual motivo quem ouve falar de Espírito não deve imaginar uma natureza circumsrita, ou sujeita à mudança e alteração desse mesmo Espírito para as outras duas Pessoas da Santíssima Trindade?

Questão 3. Descreva as principais características e funções do Espírito Santo conforme exposto no texto.

Questão 4. O texto argumenta que a união com o Espírito Santo não é física, mas espiritual. Explique como uma pessoa pode se aproximar e se unir ao Espírito Santo segundo São Basílio.

Questão 5. Como o autor utiliza a referência bíblica de São Mateus 28, 19 para argumentar a posição do Espírito Santo em relação ao Pai e ao Filho?

Questão 6. Segundo o texto, quais são as consequências de não colocar o Espírito Santo na mesma ordem que o Pai e o Filho?

TOME NOTA

O autor enfatiza a importância do Batismo "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo" como um mandamento explícito de Cristo, conforme registrado em Mateus 28, 19. Esse ato de Batismo não só institui uma prática essencial para a iniciação cristã, mas também estabelece uma fórmula teológica que afirma a coigualdade e a coeternidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A citação dessa fórmula batismal é usada pelo autor para argumentar contra aqueles que propõem que o Espírito Santo não deve ser colocado na mesma ordem

que o Pai e o Filho, sugerindo uma inferioridade do Espírito em relação às outras duas Pessoas da Trindade.

Ao defender a colocação do Espírito Santo na mesma ordem que o Pai e o Filho, o autor está, de fato, defendendo a doutrina trinitária como foi passada pelos apóstolos, ou seja, a "Tradição Apostólica". Essa tradição não é apenas um conjunto de práticas, mas também um corpo de crenças fundamentais que foram entregues aos primeiros cristãos pelos próprios Apóstolos, que receberam ensinamentos diretamente de Jesus Cristo. Portanto, a unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo expressa no Batismo, é uma expressão direta dessa tradição.

A preservação dessa tradição é crucial porque serve como uma salvaguarda contra interpretações errôneas ou heréticas que podem surgir.





AULA 10

HUMANISMO PORTUGUÊS

Objetivo: compreender o fenômeno artístico-literário denominado “Humanismo” que vigorou do ano de 1418 até 1527 em Portugal.

OBSERVAÇÃO PRELIMINAR



que nos referimos por “Humanismo” é tido por alguns historiadores da literatura como sendo a “Segunda Época Medieval” que sucede o trovadorismo. Dentro desta linha temporal, portanto, teríamos:

- A primeira época medieval equivalente ao trovadorismo.
- A segunda equivalente ao humanismo.
- A terceira seria equivalentemente ao classicismo.

Mas não há consenso quanto a isso, porquanto, há autores que enquadram o Classicismo dentro do Renascimento. Considerando a mudança da forma e do conteúdo da produção artístico-literária, o Classicismo como pertencente ao Renascimento parece mais pertinente.

HUMANISMO

A época do Humanismo tem início com a nomeação de Fernão Lopes ao cargo de Guarda-Mor da Torre do Tombo por D. Duarte, no ano de 1418. Os acontecimentos que concorreram para a nomeação tiveram início na revolução popular de 1383, princípio da ascensão ao trono português da dinastia de Avis.

O governo dessa dinastia inaugura um marco na história de Portugal: trata-se de uma renovação cultural que reflete a cultura da dinastia: culta e apreciadora da produção literária.

O processo de “humanização” da cultura tem, assim, o seu início e fornece uma nova concepção, conforme as seguintes características:

- Preocupação com o homem, em sua individualidade e coletividade.
- Progressiva contradição ao teocentrismo, isto é, a considerar Deus como centro de todas as coisas.

- Como consequência, certa “laicização” da cultura.
- Nova função da literatura moralista: formar o homem fidalgo.

Além dos pontos destacados, também, nota-se um certo expressar da natureza física como forma de se opor a um certo transcendentalismo típico nas literaturas que antecedem o Humanismo.

PRODUÇÕES DO PERÍODO

Fernão Lopes e suas Crônicas

Fernão Lopes, nascido por volta de 1380, em Portugal, foi um dos mais proeminentes cronistas da história medieval portuguesa. Sua vida e obra estão intimamente ligadas à corte e aos acontecimentos políticos e sociais de sua época.

Lopes iniciou sua carreira como escrivão régio, servindo nas cortes dos reis portugueses João I, Duarte I e Afonso V. Sua posição privilegiada na corte proporcionou-lhe acesso direto aos eventos políticos mais importantes de seu tempo, permitindo-lhe uma visão íntima e privilegiada da história de Portugal.

Sua obra mais famosa é a "Crônica de D. João I", uma história detalhada do reinado de João I de Portugal, o qual serviu como conselheiro e confidente. Esta crônica, escrita em estilo claro e acessível, é considerada uma das mais importantes fontes históricas para o estudo do período medieval português.

Além da "Crônica de D. João I", Fernão Lopes também escreveu outras obras históricas, incluindo as crônicas dos reis D. Pedro I e D. Fernando I, bem como crônicas menores sobre outros eventos e personagens importantes de sua época.

Sua escrita é marcada pela objetividade, pelo rigor histórico e pela preocupação em retratar os acontecimentos com fidelidade. Concorre, portanto, uma nítida evolução da linha de produção historiográfica a partir das Crônicas de Fernão Lopes. Não obstante, no prólogo da crônica em questão, Lopes escreveu: “nosso desejo foi em esta obra escrever verdade, sem outra mistura, deixando nos bons aquecimentos todo fingido louvor, e nuamente mostrar ao povo, quaisquer contrárias cousas, da guisa que avieram.”

Essa concepção é considerada como “regiocêntrica”. Isto é, gira em torno dos reis, pois são eles tidos os protagonistas do fio da história, sobretudo, mediante a atuação política que, por sua vez, é considerada o motor da história, visto que é ela o motor principal da narrativa de Lopes. Entretanto, há espaço para certa “participação popular”, conforme sinaliza Massaud Moises: “o cronista confere, pela primeira vez na historiografia portuguesa, grande importância aos movimentos de massa na configuração de certos acontecimentos [...] [além de] considerar as causa econômicas e psicológicas do processo histórico.”



Apesar da sua obra soar muito histórica para ser literária, é preciso se recordar de duas coisas: uma obra histórica é caracterizada pelo rigor histórico na apresentação de “fatos” que são subtraídos de fontes históricas. Além disso, há outro fator determinante: a forma da escrita e o fluxo da narrativa são mais técnicos e ordenados do que aqueles apresentados por Fernão Lopes em suas crônicas. Desse modo, em sua obra, a forma em si é típica das novelas de cavalaria, o que confere a ela um grau literário que, em termos atuais, teria ampla aproximação dos “romances históricos”, não deixando de ser literatura antes de ser história, portanto.

Sobre a observação anterior, escreve Massaud Moises, concluindo: “outras técnicas novelescas podem ser lembradas: Fernão Lopes possui incomum sentido plástico da realidade, evidente no fato de procurar sempre oferecer ao leitor um instantâneo ‘vivo’, ‘atual’, dos acontecimentos. Visualista por excelência, o cronista penetra no interior da narrativa, ‘vê’-lhe o mais fundo e alcança com peculiar maestria fazer que o leitor também ‘veja’: com isso, o passado mais remoto transforma-se em presente. Os retratos psicológicos das personagens, a cerrada cronologia e o emprego dos diálogos, constituem outras soluções estruturais que trouxa da novela e caldeia com seu próprio pendor literário. Tais recursos fazem dele uma das figuras de primeira plana em toda a evolução da Literatura Portuguesa.”

A PROSA DOUTRINÁRIA

No decorrer do século XV, durante o Humanismo, a prosa doutrinária é cultivada nas obras literárias. Mas não mais se trata de um moralismo santo, mas mais condicionado à educação da nobreza e da fidalguia, para fins de orientá-la no convívio social e na educação física para os conflitos. Como complemento, algumas obras apresentavam o esporte, como a caça, e abriam espaço para as virtudes morais, mas não para se elevar a alma, mas almejando alcançar o “equilíbrio” entre corpo e espírito.

Por exemplo, a obra “Livro da Virtuosa Benfeitoria”, pelo título, parece ser um livro a tratar das virtudes, mas é mais um compilado dos escritos do filósofo Lucius Annaeus Sêneca. Diz respeito à concessão e recepção de presentes e favores dentro da sociedade, e examina a natureza complexa e o papel da gratidão no contexto da ética estoica.

A POESIA

Ao término do século XIV, o trovadorismo entra em declínio, mas isso não é causa do desaparecimento da poesia. Ela continua existindo, mas com outra forma.

No trovadorismo, a poesia está intimamente associada à música que acompanha o seu canto. Após o trovadorismo, o marco na poesia é de ruptura: não mais está intimamente ligada a um instrumento que acompanha a sua letra. A arte, agora, passa a ser composta almejando a declamação solitária ou para um ou mais ouvintes.

Essa transformação, pois, é mais significativa quando se observa o ritmo poético: antes, marcado pelo instrumento; agora, marcado por outros recursos, tais como:

- disposição das palavras;
- estrutura dos versos;
- conjunto de estrofes.

A partir desse ponto, a poesia, segundo Massaud Moises, se aproxima da poesia “moderna”; isto é, aquele cujo ritmo, som e beleza é determinada pelas palavras, pela estrutura dos versos, pelas estrofes e pelas rimas que ocorrem. Na ocasião do humanismo, todavia, um problema surge: o que devem fazer os poetas agora que as palavras estão “soltas”, isto é, libertas de uma determinação rítmica cuja qual era marcada exclusivamente pela música?

Eis a resposta: devem elaborar novas cadências de lirismo. E assim foi feito. Dentre as novas cadências e estruturas, duas se destacam. Elas são:

- Esparsa: poesia composta por uma única estrofe de 8 a 16 versos na intenção de comunicar os sentimentos.
- Trova: composta por duas ou mais estrofes.
- Vilancete: poesia composta com um motivo prévio, com 2 ou 3 versos, com estrofes posteriores com o objetivo de desenvolver o motivo anunciado nos primeiros versos.

Quase como uma preparação do terreno para Camões, há uma tentativa de realização de poesia épica e lírica. As suas características são as seguintes:

- Teor religioso.
- Teor satírico.
- Teor irônico.
- Presença de sentimentos humanos, como o amor e sofrimento.

Inspiração grego-romana sobre o conteúdo expresso pela poesia, tais como:

- subjetivismo metafísico;
- aproximação do ente “ideal” e idealizado com a sua manifestação “real”¹⁶.

¹⁶ Essa característica é exemplificada do seguinte modo: o poeta ao mesmo tempo em que canta um amor “idealizado”, não esconde que se trata de uma idealização de sua parte, cuja qual se defronta diretamente com a manifestação “real” da coisa idealizada.

O TEATRO E GIL VICENTE

Gil Vicente, nascido por volta de 1465 em Portugal, é amplamente reconhecido como o pioneiro do teatro português e uma das figuras mais importantes da literatura e da cultura portuguesa do século XVI.

Sua obra abrange uma ampla gama de gêneros, desde comédias satíricas até peças religiosas e moralizantes. Entre suas obras mais conhecidas estão "Auto da Barca do Inferno", "Auto da Índia" e "Farsa de Inês Pereira". Nestas peças, Gil Vicente explorou temas sociais, políticos e religiosos, muitas vezes com um humor perspicaz e uma crítica mordaz à sociedade de sua época.



com

Suas obras são de dois tipos: o teatro “litúrgico” e o teatro da “atualidade”. O primeiro diz respeito às obras ligadas a religião; a segunda trata-se de uma tentativa de retratar e representar a sociedade de seu tempo.

EXERCÍCIOS PARA SEREM FEITOS NO CADERNO

Elabore suas anotações sobre o Humanismo Português, conforme o exposto nesta aula.